

ARTIGOS DOSSIÊ

Úrsula Ingrid de Souza Faria^I

Luciano Bedin da Costa^{II}

Cartas sobre o pesquisar-ebó: opacidade e práticas de cuidado na academia

Letters about pesquisar-ebó: opacity and care practices in academia

RESUMO:

Esse artigo, organizado a partir de cartas, procura apresentar o que chama de pesquisar-ebó, um modo de fazer pesquisa tramado a partir de saberes ancestrais e de autoras e autores negros. O termo ebó, de origem no idioma yorubá, significa oferenda, sacrifício e troca, sendo oferecidos em contextos de trocas com divindades ou entidades, tais como orixás, Exus e pombagiras, podendo ser realizados em diferentes segmentos dentro das tradições de matrizes africanas, tais como Umbanda, Candomblé e Batuque. A pesquisa-ebó se faz à sombra da ancestralidade e dos saberes do terreiro, a que, com Édouard Glissant, chamamos de opacidade. No contexto da pesquisa-ebó, a opacidade é sustentada como uma afirmação de relações (teóricas e existenciais) que não desejam se fazer à luz da transparência e de conceitos adjacentes como clareza, certeza e objetividade. O pesquisar-ebó, à contrapelo da ideia colonizada de metodologia, é um convive a experimentar caminhos outros, posicionando a pesquisa como uma possibilidade de produção de saberes não-hegemônicos, de combate ao epistemicídio e de, sobretudo, uma prática de cuidado.

Palavras-chave: Pesquisa; Metodologia; Ebó; Terreiro

ABSTRACT:

This article, organized from letters, seeks to present what it calls pesquisar-ebó, a way of doing research woven from ancestral knowledge and black authors. The term ebó, originating from the Yoruba language, means offering, sacrifice and exchange, and is offered in contexts of exchanges with divinities or entities, such as orixás, Exus and pombagiras, and can be carried out in different segments within traditions of African origins, such as Umbanda, Candomblé and Batuque. Pesquisa-ebó is done in the shadow of ancestry and the knowledge of the terreiro, which, with Édouard Glissant, we call opacity. In the context of ebó research, opacity is sustained as an affirmation of relationships (theoretical and existential) that do not wish to be made in the light of transparency and adjacent concepts such as clarity, certainty and objectivity. Ebó research, against the colonized idea of methodology, is a coexistence to experiment other paths, positioning research as a possibility of producing non-hegemonic knowledge, of combating epistemicide and, above all, of a practice of care.

Keywords: Research; Methodology; Ebó; Terreiro

^I Fisioterapeuta pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre; Doutoranda, Universidade Federal do Rio Grande do Sul , Porto Alegre, RS.
fisioursula23@gmail.com,  <https://orcid.org/0009-0008-3298-8435>

^{II} Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Professor, Universidade Federal do Rio Grande do Sul , Porto Alegre, RS.
bedin.costa@gmail.com,  <https://orcid.org/0000-0002-6350-2644>

PARA INICIAR UMA CONVERSA

Sem dúvida, existem várias maneiras de iniciar uma conversa. Há quem prefira chegar de mansinho, como quem não quer nada. Outras preferem a urgência. Sem receita ou vergonha, elas costumam ir direto ao ponto. Tantas também são as conversas iniciadas sem qualquer tipo de intenção, conversas que nos chegam sem que estejamos para estas preparadas. Alguém que bate no nosso ombro dizendo que nossa bolsa está aberta. Um senhor que, com o ar de perdido, pergunta-nos onde fica a farmácia mais perto. Uma pessoa completamente desconhecida que senta ao nosso lado no banco do ônibus e que, com ar de simpatia, diz que gosta do livro que estamos lendo.

Em termos acadêmicos, as conversas também se dão de inúmeras maneiras, ocorrendo de modo formal (em aulas, seminários, colóquios, grupos de estudo e reuniões), como informalmente (nos corredores, cantinas, bares, pátios, festas e diretórios acadêmicos). Contudo, nos exemplos citados, falamos de conversas que se fazem por meio da oralidade, de sujeitos que, ao acaso ou de forma premeditada, colocam-se a conversar.

Contudo, há um tipo de conversa acadêmica que se faz por meio da escrita, dos textos que lemos e que escrevemos, uma rede discursiva que, embora pareça silenciosa e solitária, produz, também, ruídos, mal entendidos e violências das mais

diferentes ordens. Quanto(a)s pesquisadores e pesquisadoras já não se viram coagido(a)s a recuar ou mesmo a desistir de seus estudos por não se adaptaram ao *status quo* vigente, este que nos leva a produzir incessantemente? Quanto(a)s pesquisadores e pesquisadoras pagaram, com seus corpos e sua saúde mental, o preço do racismo meritocrático, vítimas do assédio e abuso institucionais? Isso sem falar daquele(a)s que sequer pensaram em ingressar na universidade, pelo fato de não reconhecerem nesta um lugar possível e provável em seus projetos de vida. Infelizmente, tais sujeitos, no Brasil, têm classe, cor e gênero. Falamos, sobretudo, de pessoas pretas e pobres, acrescentando o fato de, em sua ampla maioria, serem mulheres.

Contudo, é possível pensarmos em produções acadêmicas que, à contraluz da produtividade e do mérito, possam se fazer por meio do cuidado? É possível afirmarmos a importância de pesquisas que, ao invés de “darem luz” a questões tidas como “relevantes”, primem pela opacidade, por uma produção de saberes calcada nas urgências de vida do(a)s pesquisadore(a)s? É possível sustentarmos pesquisas retirando dos altares acadêmicos os sacrossantos autores e teorias coloniais? É possível sustentarmos pesquisas com o rigor e opacidade de nossos orixás, entidades? É possível, no lugar das tais referências teóricas, afirmarmos saberes constituídos pelo viés da

transversalidade, de conversas não somente como “sobrenomes”, mas com autores e autoras que têm a nossa cor, com colegas que vivem coisas como nós?

Tomamos a liberdade de organizar a escrita desse artigo em forma de conversa e por meio de cartas, por entendermos que determinadas coisas só conseguem ser de fato ditas quando não amarradas a condicionantes acadêmicos. Para problematizar as questões acima levantadas, faremos menção a uma pesquisa de dissertação de mestrado defendida em 2025 junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Utilizamos a primeira pessoa do plural porque falamos do lugar de orientanda e orientador desta pesquisa, somadas às vozes de autoras e autores que nos acompanharam ao longo da escrita.

Dividiremos esse artigo-conversa em cinco cartas, cada qual abrindo novas questões e retomando questões das cartas anteriores, com o intuito de apresentar aspectos introdutórios do que chamaremos de “pesquisa-ebó”. O termo ebó, de origem no idioma yorubá, significa oferenda, sacrifício e troca. Segundo Novaes (2021), os ebós podem ser oferecidos em contextos de trocas com divindades ou entidades, tais como orixás, Exus e pombagiras, podendo ser realizados em diferentes segmentos dentro das tradições de matrizes africanas, tais como Umbanda, Candomblé e Batuque.

De modo preliminar diríamos que a pesquisa-ebó se faz à sombra da ancestralidade e dos saberes do terreiro, bem como do desejo e dever em honrar ativistas negras e negros que lutaram muito antes para que pesquisas como esta possam se fazer possíveis na academia. Por vezes, algumas autoras e autores serão também chamados a conversar, na expectativa que você, leitor(o), se sinta também instigado(a) a pensar em outras estratégias metodológicas de cuidado no campo das ciências ditas humanas.

Amordaçado pelas linhas do tempo.

Monte Pascoal, 01 de abril de 1500.

Querida, como está a vida após a defesa da dissertação? Após tantos anos orientando dissertações e teses, percebo o quanto é estranho (para não dizer “doloroso”) o processo de finalização de uma pesquisa. Além dos dois ou quatro anos cronológicos (tempo estimado para conclusão de um mestrado e doutorado), somam-se os anos de graduação e, também, os de toda escolarização. Tempos cronológicos costumam ser representados de forma retilínea. Lembro das famigeradas linhas do tempo nas aulas de história na escola, linhas que apontavam sempre para um antes e um depois, estes entrecortados por acontecimentos históricos em sua grande maioria espetaculares. Confesso que ainda carrego comigo um trauma em relação a

essa maneira pragmática, conteudista e oportunista de retratar o desenrolar das coisas através do tempo. A saída para se sair bem nas provas de história era decorar tais linhas do tempo, de memorizá-las mecanicamente para que, no momento da avaliação, pudessem ser literalmente vomitadas na folha de papel mimeografada e depositada sobre a superfície fórmica verde bebê da carteira escolar.

Lembro de um professor de filosofia do meu ensino fundamental – muito provavelmente o único professor negro que tive ao longo de toda minha escolarização. Se não me engano, Carlos era o nome deste professor, que nos instigava a pensar ao invés de simplesmente reproduzir o que já estava posto nos livros didáticos que, seja pela maneira como apresentavam os conteúdos, como pelas perguntas presentes ao final de cada capítulo, não nos davam outra opção a não ser a decoreba. Quando digo que tais linhas do tempo são oportunistas é porque nos forçam a conceber os acontecimentos como algo dado, amparados por uma lógica de causa e efeito. Não há como não pensar nos perigos de uma história única, tão bem testemunhados por Chimamanda Adichie (2019). Não é por acaso que a linha do tempo mais presente na minha memória escolar (e talvez na de milhões de sujeitos escolarizados da minha geração) é a do dito “descobrimento do Brasil”, marcada por uma data imponente - 1500 -, e por um nome que deveria estar literalmente na ponta da língua. É incrível

como lembro perfeitamente da sequência das perguntas que nos eram feitas como em uma espécie de interrogatório:

Quem descobriu o Brasil?

Pedro Álvares Cabral.

Quando?

22 de abril de 1500.

Ainda muito crianças, já éramos violentados e violentadas na maneira como as coisas deveriam ser ditas e repetidas. E aí de quem respondesse outra coisa. Na ânsia e medo de decorar tantas e datas e nomes, não havia tempo e energia para criticar o fundamental, que dizia respeito justamente ao descobrimento. Demorou muito tempo para descobrir que o tal “Descobrimento do Brasil”, tão reiterado e grifado nos livros escolares, não passava de um grande 1 de abril!

Faço toda essa volta não somente para colocar uma grande interrogação sobre as linhas do tempo, mas para pensar em outras perspectivas temporais que sejam mais amigáveis a como as coisas efetivamente acontecem na vida. Penso no tempo espiralar de Leda Maria Martins (2021), desta intelectual negra que tanto lhe toca, amiga, sobre a qual aprendi muito ao acompanhar o desenrolar da tua dissertação. Com Leda, e contigo, fico pensando no tempo necessário para a escrita de uma pesquisa, e nos inúmeros tempos que se cruzam e se (com)fundem quando nos colocamos a escrever algo. É aí que chego no que tu chamas

de “pesquisa-ebó”, nesse outro modo de fazer pesquisa, e que tu nos recusamos a chamar de metodologia. Que é isso que tu chamas de ebó no contexto da pesquisa? Que tempos estão envolvidos em uma pesquisa como esta? Que história única a pesquisa-ebó se propõe a questionar no campo da academia? Sei que as perguntas que faço, apesar de curtas, são tinhasas. Mas é que fiquei mesmo com vontade de saber de ti o que pensas a partir delas.

O melhor abraço,

Luc.

Fazendo ondas em mim.

Terreiro da minha vó, entre algum dia do passado e do futuro.

Querido Luc, recebo com alegria e cansaço sua carta, pois mulher negra é igual videogame, nunca acabamos, apenas mudamos de fase. Minha vida é um apagar de incêndio! No final da escrita da dissertação outras coisas me preocupam, como a prova de proficiência, em que turno meu filho irá estudar e se eu vou conseguir minha bolsa do doutorado, pois, como uma tartaruga, carrego uma casa em minhas costas. Quero dizer, também, que alguns personagens dentro da dissertação se mostraram para mim de formas diferentes daquelas que eu imaginava. Foi doloroso, mas pelo menos agora eu os conheço de forma mais sincera e ho-

nesta. Tempos cronológicos zombam de mim em horas que para uma mina preta precisam ser muito mais do que 24h. No turbilhão de emoções depois da pesquisa, sinto-me feliz ao perceber que minha dissertação já está ganhando asas! A partir dela, reuni alguns ingredientes dos ebós para produzir meu primeiro livro, carregado de axé de fala. Os ebós mergulharam em poesia e estão impulsinando a escrita de um antigo sonho que tenho, que é o de levar as rodas de Slam para o ambiente escolar. Estou mergulhada nesses novos projetos que estão sendo cansativos, mas que darão asas a esses ebós preparados ao longo desse tempo linear de escrita da dissertação. Sentimentos novos que estavam adormecidos durante a preparação desses ebós saíram do fundo de meu iceberg e emergiram para minha superfície.

Depois de tomar um gole de cachaça e dar uma longa risada, Exú 2 cabeças tinha me avisado de um amor que me cercava (caso você não lembre, Luc, sou cambona de Ogum Beira Mar e Maria Padilha das Almas no terreiro de minha vó, e não é por acaso que me identifico com o que Simas e Rufino (2018) chamam de pesquisador cambono, aquele que se coloca na condição de um não saber, sendo um mediador de presenças ancestrais que o transcendem). Mas, voltando ao que o Exú 2 cabeças me disse, quando perguntei quando isso iria acontecer, ele respondeu, com sua outra face, que já estava acontecendo. Na hora, como sempre

não entendi nada. Com as duas caras mais opacas do mundo, ele me disse pra olhar para os lados porque o homem estava perto de mim e que eu já conhecia. “Depois a senhora me conta!”.

Foi assim que, logo após a escrita da dissertação, fui capturada por uma onda gigante de amor que bagunçou todas as minhas águas e me deu um caldo! Eu não me afoguei, mas bebi muita água. Essa onda faz voltas dentro de mim. Ela é alta, linda e forte. Ela faz pousar borboletas de Oyá em meu estômago e me perturba o sono. Inunda meus pensamentos o tempo todo, e eu tenho medo dela, porque eu nunca tinha visto ou sentido ela antes. A onda de Yemanjá me pegou de surpresa na beira da praia e me levou para o fundo do mar, abrindo o que estava trancado nas profundezas do meu coração. Luc, quero dizer que li atentamente sua carta, entendo que as experiências de vida e de existência experimentadas por você são desenhadas em linhas retas. Quero dizer que, desde a fase escolar até a especialização realizada em minha área de formação, sempre me foi apresentada essa linha que nos conecta a um pensamento colonizador e eurocêntrico. Em minha vivência de mulher negra e periférica, essa tal linha reta precisava fazer curvas, escapar entre minhas frestas e subverter aquilo que estava posto. Era uma linha que fazia (e ainda faz) voltas em meu pescoço, sufocando-me com as voltas do patriarcado, do pensamento colonial e do machismo, isso sem falar

dos nós seculares produzidos pelo racismo.

Ao olhar para esse novelo epistêmico (que para nós, pesquisadoras pretas, é também um novelo de vida), precisei subvertê-lo e transformá-lo com uma espiral que converge para meu rio existencial. Enquanto poema e slammer, curvei suas linhas em poesia e tratei de pular corda com ela. Fiz dela outras coisas diferentes do que já tinha sido feito até aqui. Não digo que isso está “certo” ou “errado”, pois nós dois, a essa altura do campeonato, sabemos que nossa pesquisa-ebó não faz questão de lidar com dicotomias e binarismos. Na pesquisa ebó os grandes nomes são de outra ordem. Aqui “riscamos o ponto” e “firmamos o cavalo” na intelectualidade negra, na transmissão de conhecimentos pela oralidade e na grafia inscrita em nós desde Kemet, pela força e axé dos orixás. Os ebós são regados por uma escrita poética e periférica, algo que vem literalmente das margens.

Luc, como orientador da minha pesquisa (e agora também meu amigo), você é “da hora”, como dizemos nas rodas de Slam. Foi muito legal a forma como você suspendeu suas linhas retas para que eu pudesse pesquisar a partir de minha existência e subjetividade, circundada por diferentes níveis de opressão. Ao suspender suas linhas retas, você me permitiu existir e sobretudo resistir a partir do saber de terreiro e do pensamento negro – e sei que me entender exigiu de você um esforço grande, para deixar de lado tudo que estava retifi-

cado em suas linhas de branquitude. É que nossa pesquisa-ebó parte de um pensamento negro, sobretudo de mulheres negras pertencentes às tradições de matrizes africanas. Esse ebó epistêmico-existencial foi cuidadosamente preparado na cozinha do terreiro da minha avó com mel, dendê e bastante pimenta. É um ebó que deseja contar outras histórias e isso é importante para não cairmos mesmo nos perigos da história única de Chimamanda (2019).

A pesquisa ebó subverte até mesmo a palavra epistemologia, colocando em seu lugar uma rede de saberes que não passam pelo crivo e censura de uma ciência glorificada pelo pensamento branco ocidental. Esse ebó é carregado de opacidade e axé, e ele pode existir mesmo sem que a gente saiba tudo um do outro. Esses ebós partem não apenas de uma visão de mundo, vão além da cosmovisão. Eles envolvem o que Nego Bispo (2023) chama de cosmopercepção, de modos de sentir e perceber o mundo pelo viés das comunidades negras rurais, quilombolas e afropindorâmicas.

Quero te dizer, ainda, que todas as vezes que precisamos resolver algo na justiça ou precisamos impulsionar nossas escritas, fazemos um amalá pra Xangô. Dentro desse amalá nós colocamos uma carta com os nossos pedidos, mas é preciso botar fé para ser atendido por esse orixá que rege o fogo e as escritas. Te convido pra continuar es-

crevendo essa carta comigo, para que depois possamos colocá-la dentro do amalá pra Xangô, em uma pedra na praia de Yemanjá. Que pedidos para Xangô você colocará em nossa carta? Como é possível contar outras histórias através desse delicioso amalá pra Xangô? O que esse amalá movimenta em sua escrita? Que fogo Xangô acende dentro dessa pesquisa em você? Como esses ebós movimentaram as suas águas?

Abraço, Monstrinha Poética!

Cuidado com a escrita!

Ilê Mãe Bia de Oyá e Xangô, 31 de dezembro de 2013.

Oi Monstrinha Poética! Que estranho chamar uma orientanda de mestrado assim. Mas é um estranho bom, uma vez que os nomes acadêmicos costumam ser muito assépticos. Na verdade, na academia os nomes são transformados em sobrenomes, sendo excluído o gênero, a cor, a classe e o tempo histórico dos mesmos. Quantas autoras e autores a gente só conhece pelos sobrenomes! No campo da psicologia e da educação, de onde venho, parecem incansáveis tais sobrenomes: FREUD, LACAN, SKINNER, PIAGET, WALLON, dentre outros. E a gente segue perpetuando-os em uma espécie de mantra acadêmica ou, como o poeta carioca Alberto Pucheu ironicamente chama de “samba acadêmico de uma nota só” (2017, p.69).

O certo é que, assim como Pucheu, você e eu, estamos cansados dessa cantiga toda. Que possamos escrever outros sobrenomes em nossas pesquisas! Penso em bell hooks, no quanto ela, ao recusar as iniciais maiúsculas, acaba causando um curto-circuito nos modos de citação e referência, dando um giro nas tais normas acadêmicas. Penso no verbete ABNT, que está em um dicionário que organizamos há alguns anos atrás com verbetes escritos por crianças e jovens: “ABNT: **A**ttitude **B**urocrática **N**otavelmente **T**errível; **A**inda **B**em que **N**ão **T**em” (GAF, 2017, p.31, grifo nosso). Sim, às vezes é necessário coragem para recusar o que parece óbvio. E coragem é algo que parece muito presente no que tu chamas de pesquisa-ebó, uma coragem que se dá pelo fato de vir acompanhada de tantas e tantos que a precedem, de toda uma ancestralidade acadêmica e não acadêmica que permite com que determinadas palavras e atitudes possam ser erguidas. No teu caso, querida Monstrinha Poética, coragem para dizer não a determinados sobrenomes acadêmicos, coragem de não somente contar, mas de afirmar uma história que é tua, como também de todas as mulheres que te precederam e que caminham contigo, coragem para enfrentar tantos “incêndios” diários, como tu bem escreves no início da tua carta.

Aliás, gostaria de retomar uma coisa que tu escreveste na carta anterior, de que na pesquisa-ebó os grandes nomes são de outra ordem, sole-

trados na língua de uma intelectualidade negra, como também de conhecimentos oriundos da oralidade e da ancestralidade que, ao contrário das linhas retas (que estrangulam o pescoço, como tu bem colocas), colocam em jogo um híbrido, e porque não dizer, lindo, novelo. Pelo que aprendi ao longo da orientação da tua dissertação, mais do que uma simples oferenda, um ebó é uma convocação a forças que extrapolam os domínios do humano. Pensar uma pesquisa enquanto ebó não me parece somente uma celebração, mas uma preparação cuidadosa para o combate!

E aqui trago Xangô Agodô, o orixá que me acompanha desde 2014 quando, nas palavras de minha Mãe de Santo Bia, foi me apresentado como protetor. Na época, eu tinha uma barba branca enorme, como na imagem de Xangô sincretizada com o santo católico São Gerônimo. Como para Xangô Agodô, a justiça é um valor que me é muito caro. Meu encontro com ele é inusitado, amiga, tomo aqui a liberdade contá-lo – acho que tu irás te interessar pela história. Eu estava acompanhando minha companheira no terreiro para uma limpeza de final de ano, quando meu nome foi evocado por aquela que acabou se tornando minha mãe de santo. “Ei você, cuidado com a escrita!”, foi o que escutei por meio de sua voz arranhada. Fiquei bastante impactado pois naquele período estava justamente escrevendo o projeto de pesquisa para ingresso como orientador junto ao Programa de

Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, este que, passados 10 anos, agora me permitiu conhecê-la, Monstrinha Poética.

“Ei você, cuidado com a escrita!”, foi o que Xangô velho me disse em opacidade, e o que a pesquisa-ebó parece querer dizer a todas e todos que escrevem uma pesquisa de corpo presente. Penso no “cuidado com a escrita” porque ela é perigosa (afinal quantas escritoras e escritores já perderam o prumo nessa aventura de escrever), mas também como um cuidado que precisamos ter com a escrita em si, com o gesto de agregar letras, sílabas, palavras, frases, parágrafos, capítulos, livros, dissertações, teses e aí vai... Não sei, gostaria de saber de ti, querida Monstrinha Poética, de que forma a palavra cuidado entra na pesquisa-ebó, bem como o sentido dela no que estamos, com Édouard Glissant (2021), tentando afirmar como “opacidade”.

Ah, como bom fofoqueiro que sou, fiquei interessado nisso que o Exú 2 cabeças te disse, em opacidade, nessa “onda gigante de amor que te balançou”. Mas isso, é claro, não interessa a um artigo acadêmico. Um dia tomamos uma cerveja e você me conta melhor, afinal, são tantas as coisas que, felizmente, não cabem em uma pesquisa! Um grande abraço, já com vontade de ler alguma resposta tua.

Luc.

Imersa em lamas.

Praia onírica, verão de 2025.

Bizarro onde estamos, na terra, trancados. Errar é humano, humanos, errai-vos e amai-vos os uivos. Em cima dos outros e os olhos em cima do muro dos outros, argh (Froid, 2018).

Olá Luc, como está, de boas? Início esta carta com o trecho de uma música do Froid, um rapper que conheci por meio da tal “onda de amor” que chegou por aqui recentemente. Esse é o “Freud” do meu amado, é diferente do seu, pois cada um tem o Freud que consegue. As pessoas costumam dizer que os psicólogos adoram vasculhar os sonhos dos outros, são os tais de psicanalistas, então resolvi te contar um sonho que tive com a orixá Nanã. Logo que eu comecei a escrever a dissertação, pensei em falar de mulheres negras poetisas, por eu ser poeta e slammer. À noite, a insônia aterrorizava o meu descanso, eu só pensava no aluguel, na conta de luz e na casa que carregou nas costas como uma tartaruga.

O sonho começa com uma viagem à praia. No trajeto estou ouvindo *Lamentável* e outras músicas do Froid, sons que têm provocado ritornelos em mim. Quando chego na praia, a onda de amor vem me receber, envolvendo-me em abraços e me colorindo com diferentes matizes de pele negra. Então me dou conta de que o abraço mais forte que recebi foi de um homem negro de pele clara.

Ao sentir essa onda, percebo que estou imersa em uma lama periférica que se forma a cada chuva no meio de nossas rodas de slam. Entro na lama de Nanã e os poetas ao meu redor esfregam-na em mim. É como se o lodo pudesse cicatrizar as feridas que o racismo produziu em minha existência. Nesse momento sou tocada delicadamente por aqueles poetas, sinto-me cuidada. É como se as minhas dores de negra estivessem sendo anestesiadas por amores e afetos. Na lama de Nanã me acalmo e adormeço. Talvez eu tenha sentido no sonho o que bell hooks (2021, p.162-166) chama de família estendida, que se trata das pessoas que não fazem parte do nosso núcleo familiar, mas que nos apoiam e cuidam (por vezes, muito mais do que a família biológica). Em meu sonho incorporo uma erê cheia de trancinhas, sendo que na ponta de cada uma delas existem contas coloridas. Mari-azinha é meu nome. Estou, então, andando de balanço, como se estivesse brincando na balança de Xangô. Paro de brincar quando Oxum me chama e coloca uma colherada de mel na minha boca. De repente, uma chuva de balas de mel despenca do céu. Entro em pânico com um rato que corre para as matas de Ogum. Luc, eu nunca te disse isso, mas tenho muito medo de ratos. Não sei bem de onde esse medo vem. Uma vez, a vovó me disse que Bará anda com eles, pois, assim como as rata-zanas, ele corre rápido para abrir nossos caminhos.

Continuando o sonho, vejo uma mulher

preta de cabelos revoltos. Sua pele brilha à luz da lua, em um vestido branco, muito justo, colado ao seu corpo sinuoso. A mulher dá uma gargalhada e me diz ser Maria Padilha. Então respondo: “Maria Padilha de branco? Ué, pomba gira não usa vermelho?”. Rindo, ela me diz que ela é Maria Padilha das Almas. Logo após, começa a girar, abrindo passagem à chegada da Pombagira, que joga cartas para ler a minha sorte. Ela abre uma espécie de portal e eu consigo me ver bem idosa. Luc, o que eu vejo no sonho me entristece. É que me vejo sozinha, uma solidão de tudo, alguma coisa até então indescritível. Talvez percebendo meu sentimento, a Cigana me diz para continuar cumprindo a minha missão, pois, apesar de difícil, tenho o poder de mudar meu destino. Acordo invadida por um sentimento que é um misto de tristeza, revolta e esperança, a que chamo de solidão da mulher negra, algo que não se restringe somente à ausência de um companheiro ou companheira amorosa. Luc, o fato é que mulheres negras de peles retintas sabem que o racismo mostra a sua face mais cruel ao retirar de nós a chance de sermos amadas. É o que Lélia Gonzalez (2020) nos aponta, quando diz que acabamos amordaçadas pelo estigma da hipersexualização, confinadas em estereótipos ou, como escreve Patrícia Hill Collins (2019), em imagens de controle. Embora a Pombagira Cigana tenha dito que vou ter um companheiro, percebo sinceramente que a vida se apresenta de um modo

que fica cada vez mais difícil de acreditar. O certo é que o racismo tira até isso de nós-mulheres-negras: a chance de sermos amadas. Nós precisamos ser aquelas que se doam – que fazem dois, três, quatro turnos em um mesmo dia –, aquelas que lutam, aquelas que amam incondicionalmente seus inúmeros filhos. Mas seremos amadas, isso não está definitivamente no script de nossos futuros. Se isso não é racismo, sei lá o que possa ser.

Luc, não seria a lama de Nanã uma expressão de opacidade? Aliás, não seriam os sonhos a possibilidade de trazer à vida a opacidade de que precisamos? Embora estejamos dormindo, nos sonhos costumamos estar de olhos abertos. É incrível como determinados sonhos, apesar de muito turvos, podem nos ser reveladores. Trago novamente Glissant (2021) quando, ao trazer a opacidade, alerta-nos sobre o perigo da transparência, dessa palavra que a branquitude ocidental assumiu para si enquanto um grande valor, atribuindo outros sentidos que lhe são muito caros: limpeza, assepsia, clareza, verdade, dentre outros. Glissant faz uma analogia interessante dizendo que a transparência é como o fundo de um espelho que reflete a humanidade ocidental, sendo que isso me cheira a Narciso! Sei que o narcisismo é um conceito importante para a psicanálise, que o mito de Narciso é algo bastante discutido para pensar a constituição do sujeito. Mas que outras formas de se ver é possível para além da figura de Narciso?

Gostaria de saber de ti, Luc, já que és psicólogo. Pensando alto aqui com Glissant, talvez a transparência seja essa tal de razão! Quando era mais nova, eu já quis muito ser a dona da razão. Hoje prefiro ter a geladeira cheia e as contas pagas!

O certo é que, para mim, Glissant nos faz um convite para borrar esse espelho mitológico e social com as nossas lamas, um lodo fértil que pode ser colocado nesse espelho transparente através das diferentes culturas dos povos. Essa lama carrega incertezas, um lodo que, no entanto, nos chama, convidando-nos a experimentá-lo. Acredito que nossa pesquisa-ebó está imersa nesse lodo fértil. Talvez não caiba na ABNT, mas tem encaixe perfeito com o rap do Froid e com as rimas de nossas competições de poesia falada durante as rodas de Slam. A pesquisa-ebó está submersa e enlameada no interior dos terreiros, partindo de um desejo de pesquisar nesse lamaçal, de encharcar-se no barro de Nanã.

A pesquisa-ebó é um atrevimento epistêmico, um pensar a partir de outros saberes, promovendo uma luta contra o epistemicídio operado histórico e academicamente. A universidade é, pra mim, é mais um território de luta, campo onde tenho travado batalhas intelectuais – e talvez seja um dos campos de batalha mais árduos, porque as lutas se dão no campo das ideias. O pesquisar-ebó responde a vontade inquieta de não nos limitarmos às águas cristalinas, das transparências desse

mundo iluminado e branco que tentam nos colocar goela abaixo. O pesquisar-ebó se faz vivente pelo fato de não querermos ser norteadas nem iluminadas por nada, a não ser pela vela que acendemos para nossos orixás no terreiro! O pesquisar-ebó soa como um convite provocativo para que consigamos, enquanto pesquisadoras e pesquisadores, conviver com nossas opacidades. Tanto Glissant, quanto os Orixás e também as minas das rodas de Slam nos mostram que a linguagem é capaz de sair de uma transparência sonhada, navegando pelas ondas da opacidade, impactando pensamentos com suas correntezas, ora em brisa e por vezes revoltas em maremotos.

Luc, sinto que nossa pesquisa tem provocado ondas e fazendo borbulhas dentro da universidade. Eu já sinto isso na fala, no olhar e nos gestos de alguns colegas (não todos) e de alguns docentes que, assim como você, estão comprometidos com a luta antirracista. Ainda é um caminho longo a ser percorrido. Sonho com um dia onde meus pensadores negros estarão em seus planos de ensino, e eu não estou falando de só um ou dois autores! Desejo ver Babalorixás e Yalorixás promovendo rodas de conversas na universidade. Desejo realizar rodas de Slam dentro dos espaços acadêmicos, pois esta pesquisa é só o pontapé inicial de uma preta, como me disse Ogum, que não veio ao mundo a passeio!

Agradeço aquelas e aqueles que vieram antes de mim para que eu pudesse estar escrevendo, pensando e fazendo tudo isso. Muitas e muitos sofreram, lutaram, morreram. Muitas e muitos foram “convidados” a se retirar dos espaços universitários, tiveram que embranquecer suas peles para se manterem vivas e vivos até o final de suas formações acadêmicas.

Abraço, Monstrinha Poética!

Opacos paradoxos

Universidade opaca, fevereiro de 2025.

Bom dia, Monstrinha Poética! Preciso dizer que tua carta chegou para mim em um momento bastante oportuno. Quantas coisas importante tu escreveste, hein? Sim, o difícil e o bonito da vida podem, sim, conviver juntos. Tu falas de alegria, de sonhos, de revoltas, de tristeza, de esperanças e de solidão (aliás, devo confessar que a expressão “solidão de tudo” me pegou em cheio; pensei nessa solidão que, como tu bem colocas, não se restringe à ausência de pessoas propriamente ditas).

Gosto desses paradoxos, de dois termos supostamente contrários colocamos em relação pela conjunção “e”, e não pelo “ou”. Aproveitando que tu iniciaste a carta trazendo o rap do Froid (que, aliás, eu adorei), faço referência a Wander Wildner, um cantor aqui de Porto Alegre, que tem um disco chamado “Eu sou feio... Mas sou boni-

to” (Wildner, 2001). Desde que foi lançado, logo na virada deste século, fiquei com esse título maravilhoso na cabeça. Ser feio mas ser bonito, ser alegre mas ser triste, ser forte mas ser fraco, e assim por diante. Penso nos paradoxos como lamas. São os paradoxos que, a meu ver, turvam a imagem da transparência, sobre a qual tu bem escreveste. Penso nas mensagens dos orixás que, mediadas pelos camponos, às vezes nos chegam como “opacos paradoxos”, cabendo a nós, interpretá-las da forma que for possível.

Devo estar escrevendo isso pelo fato de tu teres trazido algumas imagens de infância, algo que também me fascina muito. Gosto de pensar a infância não necessariamente como uma etapa ou fase da vida, mas como uma experiência que podemos permanentemente acessar ao longo de nossas vidas. É por isso que gosto de pensar o pesquisar como uma possibilidade de revirar infâncias, de sentir o arrepio daquilo que nos chega pela primeira vez, sobre o qual não temos ainda língua ou léxico capazes de desvendá-lo por inteiro. É claro que não se trata de todas as pesquisas, até porque, nesse mundo acadêmico embranquecido, encharcado de verdades, prescrições e transparências, a infância acaba sendo o que se pretende sufocar logo de saída. Na tua carta mencionaste a pesquisa-ebó como uma prática de atrevimento epistêmico, estabelecendo um combate contra o epistemicídio acadêmico. Fico pensando que há

também um infanticídio investigativo em nossas pesquisas adultocêntricas, um movimento que mata a brincadeira e o desejo por algum tipo de leveza. É aí que penso no pesquisar-ebó, na pesquisa como oferenda que fazemos aos Erês que cutucam nosso pesquisar, como uma estratégia de cuidado aos ancestrais e também às infâncias que nos habitam. E volto aqui ao paradoxo, quando penso que a pesquisa é um olhar para trás para enxergar o que está ali na frente, como também um olhar para frente para melhor compreender o que sempre estive conosco aqui atrás.

Querida Monstrinha Poética, tu me fizeste algumas perguntas ao longo da tua carta. Vou tentar responder algumas. Esse lance do espelho de Narciso é um fardo que carregamos enquanto psicólogos, mesmo os que não se identificam com a psicanálise. Fico pensando no mito de Narciso, deste que se apaixona pela sua própria imagem refletida na água, afogando-se na tentativa de tomá-la para si. É esse o encantamento produzido pelos espelhos, esse objeto que tanto nos fascina e que tanto nos aprisiona. Penso no que os tais livros escolares de história nos contavam, nos colonizadores portugueses vindo da Europa com seus espelhos, espelhos estes usados para “trocar” por pau-brasil com os povos originários. Penso nos espelhos de nossos aparelhos celulares, na tirania das selfies a que somos cotidianamente e desejosamente submetidos. Penso também nos espelhos

produzidos pelas nossas pesquisas que, na maioria das vezes, só refletem nossos próprios rostos, alimentando rankings de produtividade e itens no currículo lattes. Sempre de um eu para um eu. E não estou aqui falando da escrita em primeira pessoa, muito pelo contrário. O narcisismo da pesquisa acadêmica tem, sim, medo das pesquisas que assumem a primeira pessoa do singular como voz narrativa. Assim como no espelho de Narciso, que “simplesmente” e “passivamente” reflete a imagem daquele se olha nele, boa parte das pesquisas acadêmicas (sobretudo as hegemônicas) faz uso do subterfúgio da terceira pessoa do singular (dita “neutra”) para lavar suas próprias mãos. É aí que entra a lama da pesquisa-ebó, Monstrinha Poética. Na dita assepsia acadêmica, aquele ou aquela que pesquisa com as mãos e pés sujos é visto com desdém. O que eles não sabem é que a sujeira é o que justamente queremos, que desconfiemos de qualquer tipo de pesquisa que tente jogar para baixo do tapete os rastros de que a movimenta.

Lendo Glissant, fiquei um fragmento na cabeça, o qual diz que “o opaco não é o obscuro, mas pode sê-lo e ser aceito como tal. Ele é o não-reduzível, que é a mais vivaz das garantias de participação e confluência. (Glissant, 2018, p.54). É muito potente o fato de Glissant pensar que é na opacidade que as relações se estabelecem, que há uma relação irreduzível de opacidade entre os sujeitos, e não somente entre estes. Penso na pes-

quisa-ebó como expressão disso que ele reivindica enquanto um “direito à opacidade” (2018, p. 55), um direito que não é consentido pelo poder de um outro (como no direito civil, por exemplo), mas que é experimentado na relação com o outro (este humano e não-humano). Ora, é Glissant (2018, p.53) mesmo que diz que as opacidades podem (e “devem”), sim, coexistir, confluindo, “tramando os tecidos cuja verdadeira compreensão levaria à textura de certa trama e não à natureza dos componentes”. Que lindo isso que ele escreve, fazendo-me pensar no cuidado que precisamos ter, em nossas pesquisas, com a trama e não necessariamente com o tipo ou qualidade dos fios que tramamos. Não é porque usamos esse ou aquele autor, essa ou aquela teoria, que estamos com o jogo ganho. Aliás, não se trata nem jogo. A pesquisa-ebó, como você bem colocaste, Monstrinha Poética, é muito mais um convite, um chamamento a outras formas de relação com os saberes e com os próprios espaços onde estes se fazem. Não se trata de demolir os muros e paredes das universidades (embora às vezes esta seja a vontade), uma vez que os piores muros e paredes são os que estão em nossas próprias cabeças colonizadoras e colonizadas. Em se tratando do pesquisar-ebó, penso então nos opacos paradoxos de Exú 2 cabeças, na insubmissão e nomadismo de Maria Padi-lha das Almas, na firmeza de Ogum, na justiça de Xangô Agodô, como também nas brincadeiras, gi-

ras e cambalhotas dos Erês.

Finalizo essa carta, que é também o final desse ensaio, agradecendo a ti, Monstrinha Poética, pelo tanto que aprendi ao longo de nossa pesquisa-ebó. Que as leitoras e leitores dessas cartas possam se inspirar em alguma das coisas que escrevemos para, quem sabe, darem continuidade a essa gira de pesquisa. O caminho está apenas no início.

O melhor abraço,
Luc.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

FROID. **Lamentável. Pt.2**. Porto Alegre: Nobre Beats, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ifcqyi07fuo&t=1s>. Acesso em: 22. fev. 2025.

GAF, Grupo Autônomo de Filosofia. ABNT (verbete). In: COSTA, Luciano Bedin. BANDEIRA,

Larisa da Veiga. CORRÊA, Tatiele Mesquita. **Estátuas de Nuvens**: dicionário de palavras pesquisadas por infâncias. Porto Alegre: Sulina, 2017, p. 31.

GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

GLISSANT, Édouard; Pela opacidade. **Revista Criação & Crítica**, São Paulo, Brasil, n. 1, p. 53–55, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/64102>. Acesso em: 23 fev. 2025.

GONZALEZ, Lélia: **Por um feminismo Afro Latino Americano**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **Tudo Sobre o Amor**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do Tempo Espiral**. Poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.

NOVAES, Luciana de Castro Nunes. A tecnologia do ebó: arqueologia de materiais orgânicos em contextos afro-religiosos. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 34, n. 3, p. 283–306, 2021. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/919>. Acesso em: 29 set. 2024.

PUCHEU, Alberto. Samba acadêmico de uma nota só (preparando-me para o carnaval). In: PUCHEU, Alberto. **Para que poetas em tempos de terroristas?**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2017.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SIMAS, Luiz Antonio. RUFINO, Luiz. **Fogo no mato**: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

WILNDER, Wander. **Eu sou feio... Mas eu sou bonito!**. Porto Alegre: PunkBrega, 2021. Disponível em: https://music.youtube.com/watch?v=u-GHob2w-mU&list=OLAK5uy_lLq9XjfSqjpt7XmQpDOidrS0XvI7EtM1I. Acesso em: 23. fev. 2025.